

Saberes culturais de povos tradicionais da Amazônia: contribuições das pesquisas do GRUPEMA (UEPA)

Cultural knowledge of traditional folks of the Amazon: contributions of the researches of GRUPEMA (UEPA)

Fernanda Rocha de Sousa
Nádia Magalhães da Silva Freitas
Universidade Federal do Pará - UFPA
Belém-Pará-Brasil.

Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar as principais contribuições das dissertações realizadas por pesquisadores vinculados ao Grupo de Pesquisa em Educação e Meio Ambiente (GRUPEMA), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Pará (UEPA) para a área ambiental, sobretudo relacionada ao tema “saberes culturais de povos tradicionais da Amazônia”. Trata-se de uma pesquisa documental que tem como fontes as dissertações vinculadas ao grupo. As quinze pesquisas selecionadas foram analisadas com base no método da análise do conteúdo e, como resultado, foi possível perceber que, apesar de não objetivarem a discussão direta sobre a área ambiental, podem contribuir para o tema ao promoverem a valorização dos saberes ambientais por meio do estudo sobre os saberes de comunidades tradicionais.

Palavras-chave: Pesquisa; Análise; Saberes Tradicionais.

Abstract

This article aims to analyze the contributions of the studies made by the researchers of the Research Group on Education and Environment (GRUPEMA) linked to the Postgraduate Program in Education (PPGED) from the State University of Pará (UEPA) for the environmental area, mainly related to the theme “cultural knowledge of traditional amazonian folks”. Therefore, this is a documentary research that has as sources the dissertations linked to the group. The fifteen selected dissertations were analyzed based on the content analysis method and as a result it was possible to notice that, although they do not aim to discuss about the environmental area, the researches can contribute to the theme by promoting the valorization of environmental knowledge through the study on the knowledge of traditional communities.

Keywords: Search; Analysis; Traditional Knowledge.

1. Introdução

Os saberes culturais tem sido foco de interesse de diversas pesquisas realizadas no Brasil, sobretudo, com a popularização dos estudos de Boaventura de Sousa Santos a partir dos anos 1980, que forneceu um novo olhar sobre os saberes ignorados pela sociedade. Com o objetivo principal de valorizar os conhecimentos de culturas tradicionais desprezados pelo sistema educacional brasileiro, pesquisadores da área da educação tem realizado importantes discussões sobre o tema.

Tais discussões emergem da necessidade de superar a racionalidade científica que norteia o campo da Educação e da Ciência e desconsidera todas as formas de conhecimentos não pautadas em seu método técnico científico. Por se originarem a partir da experiência e da prática cotidiana dos sujeitos, os saberes denominados como populares, culturais ou tradicionais são vistos como “informais” e, portanto, sem valor (SANTOS, 2008).

Dentre esses saberes, este artigo destaca aqueles pertencentes à cultura amazônica, formada pelo amálgama de diversas culturas e expressos nos mitos, na religiosidade, na arte, nos costumes, nos valores e em todas as representações importantes do viver amazônico (FONSECA; SILVA, 2014). Tais saberes apresentam sua expressão máxima na cultura de comunidades tradicionais da região, compostas, em especial, por povos indígenas, ribeirinhos, pescadores, coletores e quilombolas, os quais estabeleceram uma relação diferenciada, mais harmônica e mais próxima da natureza e da floresta ao longo do tempo (MOREIRA, 2007).

Segundo Porto-Gonçalves (2018), para compreender essa relação é preciso entender que Amazônia possui uma complexidade sociometabólica singular, principalmente, por conta de sua floresta. A principal característica dessa complexidade é o equilíbrio natural entre clima, solo, água e demais fatores inorgânicos e orgânicos que sustentam a floresta e interferem nas demais regiões do país.

Essa dinâmica harmoniosa se estabeleceu no decorrer do tempo com a ajuda dos conhecimentos que os povos tradicionais conservavam sobre a natureza e seus processos, obtidos pela observação e pelo cuidado com a floresta. Portanto, trata-se de saberes variados em seus significados e, ao mesmo tempo, singulares pela sua especificidade ao

ambiente amazônico; passados de geração para geração, sobretudo, por meio da oralidade.

Para o autor:

Nas práticas técnico-culturais dos povos andino-amazônicos, os solos, a floresta, os rios, os lagos e lagunas são condições de vida com as quais tiveram que se haver e com as quais desenvolveram fazeres/saberes enquanto condições materiais de reprodução/criação de sentidos para a vida (PORTO-GONÇALVES, 2018, p. 26).

Apoiado na concepção abordada por Porto-Gonçalves (2018), este artigo faz parte de uma tese de doutorado e tem o objetivo de analisar as pesquisas realizadas no Grupo de Pesquisa em Educação e Meio Ambiente (GRUPEMA), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Pará (UEPA), buscando evidenciar suas contribuições para a área ambiental e caracterizar a produção científica na área dos saberes culturais de comunidades tradicionais.

A linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, a qual o GRUPEMA está vinculado no PPGED/UEPA, possui o objetivo de investigar os “temas educacionais relacionados ao contexto cultural brasileiro e amazônico, refletindo sobre saberes, representações, imaginários, conhecimentos e poder inerentes às práticas socioculturais e educativas” (OLIVEIRA; SANTOS; FRANÇA, 2014, p. 251). Ao analisar as dissertações defendidas entre os anos de 2005-2015 nesta linha, Morais (2017) observou que buscam:

Refletir sobre saberes inerentes às práticas socioculturais e educativas que ocorrem em diferentes ambientes sociais, isto é, para além da ambiência escolar, ficando evidente para mim que, estudos dessa natureza também se fazem presentes em pesquisas desenvolvidas pelo conjunto de pesquisadores - docentes e discentes - por corresponderem aos objetivos da referida linha (MORAIS, 2017, p. 14).

O GRUPEMA se destaca dentro dessa linha com defesas a partir do ano de 2007, com um período de pausa relacionado à época em que a coordenadora do grupo realizava o curso de pós-doutorado e o retorno das defesas a partir do ano de 2010. O grupo possui um total de quinze dissertações defendidas sobre diversos temas da área ambiental, dando enfoque, aos saberes culturais de comunidades tradicionais, entendidas nesse artigo como “populações que vivem em estreita relação com o ambiente natural, dependendo de seus recursos naturais para sua reprodução sócio-cultural, por meio de atividades de baixo impacto ambiental” (SANTILLI, 2002, p. 20), englobando, portanto, indígenas, quilombolas e povos de comunidades locais, como ribeirinhos, pescadores artesanais, extrativistas, seringueiros, camponeses, dentre outros povos (MOREIRA, 2007).

2 Percorso metodológico

O estudo apresentado nesse artigo representa uma pesquisa qualitativa do tipo documental, por ser “desenvolvida com base em material já elaborado” (GIL, 2008, p. 44). Para a análise das informações foi utilizado o método da análise do conteúdo proposto por Bardin (1995).

Ao utilizar a análise de conteúdo, buscamos compreender os significados explícitos e implícitos existentes nas pesquisas em relação aos saberes discutidos, uma vez que o método também permite “o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano” (MEIRELES; CENDÓN, 2010, p. 80) para além da categorização de dados. Para isso, foi elaborado um plano de análise seguindo as três fases do método estruturado por Bardin (1995), a saber: a pré-análise, a exploração do material e a análise ou interpretação dos dados (BARDIN, 1995).

A pré-análise se iniciou com um levantamento das dissertações pertencentes à linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia e disponíveis no banco de dissertações do site do PPGED/UEPA (<http://ccse.uepa.br/ppged>), com o objetivo de identificar quais pesquisas foram orientadas pela professora coordenadora do GRUPEMA e estabelecer o primeiro contato com os textos. Até o momento do levantamento, tinham sido defendidas quinze dissertações, de modo que todas foram analisadas para este artigo.

Na segunda etapa, foi realizada uma leitura mais atenta das pesquisas. Neste momento, foram analisados os títulos, os objetivos, as informações dos resumos e foram destacados alguns trechos importantes para o objetivo deste artigo. Diante dessas observações, surgiram três categorias de análise iniciais: concepção de saberes, objetivos e perfil metodológico das pesquisas.

A terceira etapa da pesquisa incluiu uma releitura das dissertações, desta vez enfocando, principalmente, nas discussões e resultados obtidos pelos pesquisadores. Dessa forma, houve uma mudança nas categorias de análise iniciais de modo que a categoria referente aos objetivos foi incorporada à categoria de perfil metodológico das pesquisas e foi acrescentada uma nova categoria referente aos saberes discutidos nas dissertações. Assim, as três categorias de análise finais, apresentadas neste artigo, foram: concepção de saberes, perfil metodológico das pesquisas e saberes apresentados nas pesquisas.

3 Caracterização das dissertações

A análise das dissertações do GRUPEMA mostra uma estabilidade na produção do grupo. Apesar do período de pausa da coordenadora, equivalente a dois anos (segunda e terceira turmas, anos de 2006-2008 e 2007-2009, respectivamente), nos quatorze anos e doze turmas do Programa, os participantes do GRUPEMA mantiveram o número de quinze dissertações defendidas, com uma frequência de uma a duas defesas por ano.

Na observação inicial dos títulos das pesquisas, o termo “ambiental” aparece apenas em uma dissertação, enquanto os termos “saberes”, “práticas educativas”, “cartografia” e “experiência” se destacam como os mais frequentes, apontando para os principais objetos de estudo do grupo. Dos quinze trabalhos analisados, doze discutiam práticas educativas, entre esses, dez trabalharam em ambientes não-escolares. Dentre os estudos que se dedicavam a pesquisar os saberes escolares, três deles foram realizados em ambiente escolar e dois buscaram a relação entre saberes de populações tradicionais e saberes escolares.

A concentração maior em práticas não escolares está de acordo com a proposta da linha em valorizar os saberes silenciados pelo sistema educacional, focando, principalmente, nos conhecimentos de comunidades tradicionais. Dessa forma, os principais sujeitos das pesquisas foram os ribeirinhos (cinco dissertações) e trabalhadores do campo (cinco dissertações), dentre eles coletores de açaí, agricultores e produtores de farinha. Integrantes de movimentos sociais e assentados também estão entre os sujeitos das pesquisas (duas dissertações), assim como os moradores de áreas rurais (duas dissertações) e indígenas (uma dissertação).

Outra característica que marca as produções do GRUPEMA é a importância conferida ao lugar onde a pesquisa é desenvolvida. O conceito de “território” não é entendido somente como lócus da pesquisa, mas como parte indispensável para compreensão do objeto. A relação entre território e saberes é importante para compreender a diversidade alcançada pelos estudos realizados no GRUPEMA, pois uma mesma prática desenvolvida por grupos sociais semelhantes poderá apresentar saberes diversos que variam conforme cada região.

Compreender a singularidade dos territórios amazônicos é importante para entender a dinâmica dos povos que os habitam, pois, a relação território-povo evidencia um processo de resistência e resiliência das comunidades que criaram formas sustentáveis de (con)viver

Saberes culturais de povos tradicionais da Amazônia: contribuições das pesquisas do GRUPEMA (UEPA)

em uma das florestas mais extensas e complexas do planeta ao longo de milênios (PORTO-GONÇALVES, 2018). As pesquisas realizadas no GRUPEMA emergem, portanto, como produções capazes de contemplar a relação que os povos tradicionais da Amazônia estabelecem com a região nos sentidos políticos, sociais e ambientais, dependendo da abordagem do pesquisador.

Do ponto de vista epistemológico, as dissertações apresentam uma vasta base teórica relacionada ao tema “saberes” e comum à maioria das pesquisas. Dentre os autores mais utilizados nesse campo estão Charlot (2002), autor mais recorrente nas pesquisas (sete dissertações), sendo utilizado para caracterizar a relação do saber como forma de apropriação do mundo; Martinic (1994), utilizado em três pesquisas como autor de referência na área da sabedoria popular; e Leff (2012), utilizado em duas pesquisas que exploravam especificamente os saberes ambientais.

A utilização de diversas obras de autores pertencentes ao próprio PPGED/UEPA, como Albuquerque (2012), Oliveira (2008) e Silva (2007), também é constante, o que aponta para uma produção acadêmica e científica consistente no programa. No entanto, embora utilizem diversos autores para contextualizar a discussão, algumas dissertações não apresentaram uma concepção clara de “saberes”, dentre elas, três pesquisas que buscavam relacionar os saberes culturais com as práticas educativas em contextos escolares, duas delas realizadas em comunidades rurais e uma em comunidade indígena.

A dificuldade de estabelecer a relação entre saberes culturais e saberes escolares pode estar relacionada ao número limitado de pesquisas que consideram as comunidades observadas. Apesar desta relação ser alvo de diversas pesquisas no Brasil, ainda há uma carência de referenciais que considerem o contexto amazônico, de modo que pesquisadores do GRUPEMA e do PPGED/UEPA são, muitas vezes, os primeiros a produzir nesta área.

Se existem pesquisas que não esclarecem a concepção de “saber” adotada, a base teórica relacionada ao conceito de “práticas educativas” e “educação” é bastante sólida nas pesquisas do GRUPEMA. Todos os estudos analisados destacaram Brandão (2002) e Freire (1987) como base epistemológica. Assim, a concepção adotada nas pesquisas é expressa na dissertação de Cuimar (2003, p. 30) como uma educação “entendida como o processo educativo não escolarizado que se encontra imerso em quase toda a história da humanidade

ou ainda como uma prática pedagógica que acontece nos processos culturais de diversos grupos sociais”.

Considerando os objetivos das pesquisas, foi possível perceber o interesse dos pesquisadores em compreender e analisar as práticas e processos educativos investigados, assim como o compromisso com a difusão e proteção dos saberes das comunidades tradicionais. O mapeamento de tais saberes sob a forma de cartografia também é um dos objetivos mais recorrentes das dissertações e representa um total de oito pesquisas dentre as quinze.

Com relação à metodologia, todas as pesquisas analisadas são consideradas como qualitativas, sem nenhuma referência a aspectos quantitativos. Os principais métodos utilizados pelos pesquisadores é o estudo de caso, tendo Lüdke e André (1988) como principal referência. Os aspectos da pesquisa etnográfica também são utilizados pelos pesquisadores. Dentre as pesquisas analisadas, quatro fazem referência à etnografia em sua metodologia.

O principal ponto de discordância metodológica das pesquisas se refere à cartografia. É possível perceber dois grupos que utilizam o método cartográfico sob pontos de vista teóricos diferentes: um grupo se apoia na cartografia simbólica de Boaventura de Sousa Santos (2008) e o outro tem como base a cartografia rizomática de Deleuze e Guatarri (1995). No total, foram realizadas oito cartografias de saberes nas dissertações: quatro delas seguindo a concepção de Deleuze e Guatarri (1995) e quatro seguindo a visão de Boaventura de Sousa Santos (2008), dentre elas, duas utilizam os dois referenciais.

Tem destaque, novamente, a presença de pesquisadores vinculados ao PPGED/UEPA, como Oliveira (2008) utilizada, principalmente, nas pesquisas que adotam a cartografia simbólica; e Silva (2008), utilizada como referencial em dissertações que adotam a cartografia rizomática. Esta divisão é resultado, sobretudo, de uma escolha teórica-epistemológica.

Neste momento, é importante observar também que, apesar de bem definidas conceitualmente, os pesquisadores se restringiram a citar os autores utilizados como referência sem explicar o passo a passo adotado durante a análise e elaboração das cartografias. Sendo assim, pouco se sabe sobre a forma como as cartografias foram realizadas.

4 Principais saberes apresentados nas dissertações

Ao analisar as pesquisas foi possível perceber uma preocupação de valorizar os conhecimentos presentes nas práticas das comunidades investigadas, assim como uma riqueza de detalhes fornecidas por meio da observação e das entrevistas realizadas. Cada dissertação apresentou uma vasta relação de saberes que, para melhor compreensão e análise, foram organizados em três grandes categorias neste artigo: saberes do trabalho, saberes da experiência de vida e saberes ambientais. É importante ressaltar que, apesar da divisão, tais saberes possuem uma relação de proximidade natural na prática.

Com base nessa categorização foram encontrados trinta e nove (39) saberes do trabalho; trinta e um (31) saberes da experiência de vida; dez (10) saberes ambientais. Essa discrepância está, sobretudo, no interesse maior dos pesquisadores em compreender os saberes que integram o trabalho nas comunidades investigadas. Nesse caso, os saberes ambientais estão presentes nas pesquisas de forma secundária.

4.1. Saberes do trabalho

O trabalho realizado pelas comunidades tradicionais é um objeto importante nas dissertações analisadas, pois buscam compreender as práticas educativas que cercam o saber-fazer desses povos. Evidenciados pela dicotomia entre teoria e prática imposta pela racionalidade científica, os conhecimentos que integram as práticas sociais de trabalho são desconsiderados pelo meio acadêmico (SANTOS, 2008). Para superar essa dicotomia, Ryle (2009) distingue duas formas de conhecimento: o “saber como” e o “saber o quê”.

Para o autor, a teoria é uma atividade primária da mente humana que, muitas vezes, não é colocada no papel, se tratando muito mais de uma prática reflexiva na qual o indivíduo conversa consigo mesmo e formula pensamentos, diagramas e imagens que o auxiliam a realizar seu trabalho (RYLE, 2009). Assim, o “saber como” diz respeito ao domínio da prática, seus processos de execução e ao conhecimento requerido. Enquanto isso, o “saber o quê” está relacionado aos argumentos utilizados para explicar a prática.

O “saber como” e o “saber o quê” fazem parte do que consideramos como a categoria “saber do trabalho”, que representa uma prática constituída por meio da reflexão e da execução de uma atividade. Dentre os saberes mais observados nas pesquisas estão aqueles relacionados ao trabalho com a terra, a pesca e a roça.

É possível perceber nas dissertações que a produção de saberes possui múltiplas dimensões relacionadas ao trabalho. Para a Moreira (2007), a concepção de trabalho dos

povos tradicionais extrapola os elementos técnicos convencionais das atividades práticas e alcançam os campos mágico, religioso e simbólico. A multiplicidade apontada pela autora está presente em todas as dissertações analisadas, de modo que os pesquisadores conseguem não somente identificar os saberes presentes nas práticas de trabalho, como também a importância do trabalho para a vida e a sobrevivência dos sujeitos.

Na dissertação “Relações entre práticas educativas, saber ambiental-territorial ribeirinho e o desenvolvimento local”, Diniz (2012) defende que o território influencia de maneira direta no trabalho e na sobrevivência das comunidades, uma vez que é percebido como uma forma de expressão do modo de viver amazônico, da sua cultura, da política, da economia e da sua relação com a natureza. Assim como o trabalho, os territórios “se formam a partir do dia a dia, da interação com a natureza, das relações interpessoais, de subjetividades e fazeres locais” (DINIZ, 2012, p. 80).

Corroborando com Diniz (2012), vários pesquisadores observaram um sentimento de compromisso com a conservação da natureza associado à sobrevivência e ao território. Moreira (2007, p. 05) defende que “os povos tradicionais passam a assumir um papel de atores do desenvolvimento sustentável e da conservação da natureza” quando a busca pela sobrevivência passa a ser considerado, uma vez que há um vínculo de dependência da natureza para a realização do trabalho.

A relação trabalho-território-sobrevivência é uma das principais fontes de saberes observadas nas dissertações que investigam as práticas educativas em comunidades tradicionais. Ao investigar os saberes da roça, na dissertação “Pedagogia da roça: cartografia de saberes culturais que orientam práticas de trabalho e relações sociais na roça de mandioca”, Ribeiro (2018) também chamou a atenção para a relação estabelecida entre as pessoas e a terra por meio da conservação da natureza. Segundo o pesquisador, esses saberes são construídos a partir da necessidade de sobrevivência, assim, o ser humano “busca orientar-se para que sua produção da terra tenha uma melhor qualidade” (RIBEIRO, 2018, p. 180).

A luta pela sobrevivência e a importância dos territórios são igualmente evidenciadas pelos conhecimentos relacionados aos fenômenos da natureza, como o período das chuvas e a alta das marés, essenciais para o trabalho nas comunidades. Na dissertação “Saberes e Práticas Culturais de Agricultores Familiares da Amazônia Paraense e suas relações com a

Saberes culturais de povos tradicionais da Amazônia: contribuições das pesquisas do GRUPEMA (UEPA) monocultura do Dendê”, Cuimar (2013, p. 59) destaca que o “saber trabalhar na roça era imprescindível, porque era da roça que sobrevinha praticamente todos os itens de suprimento das famílias”. Essa observação é encontrada em outras pesquisas que abordam o trabalho no campo e representa uma das principais características dos povos tradicionais da Amazônia: a relação harmoniosa com a natureza (MOREIRA, 2007; PORTO-GONÇALVES, 2018).

Segundo Porto-Gonçalves (2018), com a automatização do trabalho, o modelo de produção passou a ser realizado de forma mais rápida do que a capacidade de obter matéria prima e isso gerou um colapso ambiental e o aumento da desigualdade entre classes. Por esse motivo, ao estabelecer uma relação de harmonia com a natureza, o trabalho desses povos se destaca como uma forma de resistência e uma tentativa de evidenciar um processo produtivo que considere o ambiente.

De modo semelhante, os saberes que envolvem o trabalho com a pesca também são dotados de importância cultural, social e econômica. Em pesquisa intitulada “Saberes culturais e prática docente no contexto da escola ribeirinha”, Pereira (2016, p. 126) considera que, para os ribeirinhos “os rios funcionam como ruas. Neles se deslocam para diferentes lugares, incluindo os centros urbanos, por onde vendem, trocam, compram produtos de uso pessoal e coletivo, necessários à sua vida cotidiana”.

Além da locomoção, os rios representam uma fonte de sobrevivência e de crenças, ou seja, de vida para os ribeirinhos. Por esse motivo, o trabalho com a pesca requer saberes de diferentes fontes. Ao investigar sobre o caráter pedagógico da pesca artesanal, a dissertação “Cartografia de saberes e processos educativos inscritos na pescaria artesanal do salto”, de Lima (2018, p. 138), destaca que tais saberes estão “representados por uma pedagogia pautada na vivência e na experiência do cotidiano desses pescadores”. Trata-se, portanto, de uma educação “cuja escola é a roça, o mar, rios e igarapés; os seminários são as trocas de experiências; a caneta são os cabos de remo, de enxada e ferros de cova e o resultado disso tudo, é a garantia do sustento à vida” (LIMA, 2018, p. 138).

Ao analisar os saberes do trabalho presentes nas dissertações do GRUPEMA é possível perceber uma relação estreita entre a natureza e o modo de vida das comunidades investigadas. Neste sentido, as pesquisas contribuem não somente para evidenciar os saberes presentes nas atividades práticas dos sujeitos, como também para reconhecer a relação de respeito e pertencimento aos seus territórios.

4.2 Saberes da experiência de vida

A experiência é “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao que acontece” (LARROSA, 2002, p. 26). Nesta perspectiva, a categoria “saberes da experiência de vida” apresenta os saberes que estabelecem a relação entre o trabalho, o território e as vivências das comunidades apresentadas nas dissertações.

Na dissertação “Cartografia de saberes nas práticas educativas cotidianas do Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST na Amazônia paraense”, Lima (2007) destacou o saber que forma o sujeito político, caracterizando-o como uma necessidade para a construção da identidade social do grupo. Esses saberes estão voltados para a:

Formação deste ser no sentido de garantir não somente o seu crescimento pessoal, mas o do Assentamento como um todo, por meio do exercício e sentimento de cooperação, em consonância com o que estabelece a concepção teórica do MST (LIMA, 2007, p. 209).

A identidade social de grupo é um dos pontos mais presentes na vida dos povos tradicionais, pois afeta não somente o trabalho, que muitas vezes é desenvolvido de maneira coletiva, como também demonstra o respeito pelas necessidades do grupo. Ao analisar a luta dos povos indígenas, Porto-Gonçalves (2018) defende que a noção da identidade coletiva tem sido um fator importante na luta pelo reconhecimento político e social de grupos oprimidos, pois é preciso “pensar e atuar coletivamente, como comunidade política nacional, para tornar possível outra relação com a floresta” (PORTO-GONÇALVES, 2018, p. 16).

Para além da consciência política, a vida dos povos tradicionais da Amazônia é “permeada pela relação de respeito, conservação e veneração ao meio ambiente, pois o mesmo é o espaço sagrado de onde se retira os elementos essenciais para a sobrevivência e a morada das encantarias” (CUSTÓDIO; VIDEIRA; BEZERRA, 2019, p. 84). Por esse motivo, a religiosidade tem espaço de destaque nas pesquisas.

A religiosidade se destacou na pesquisa intitulada “Fronteiras entre campo e cidade: saberes e práticas educativas no cotidiano de uma escola nucleada em Rio Maria/Pa”, de Cavalcante (2011), como uma fonte de saber. A pesquisadora observou que a religiosidade se insere em diversas práticas da vida no campo.

Saberes culturais de povos tradicionais da Amazônia: contribuições das pesquisas do GRUPEMA (UEPA)

A cura de determinada doença, a proteção em relação a certos riscos da natureza, são muitas vezes buscados por meio da prática religiosa. Essa prática, quase sempre, quando se trata de doenças, está associada à medicina caseira, que também faz parte do universo de seus saberes (CAVALCANTE, 2011, p. 57).

De modo semelhante, os saberes relacionados aos mitos e lendas da Amazônia também se destacam. Em sua dissertação, Lima (2007, p. 241) afirma que “na região Amazônica, as lendas são expressões e traços culturais híbridos e da mestiçagem” que caracterizam não somente os povos, mas também os territórios e o trabalho desenvolvido por eles. A pesquisadora constatou que, na comunidade fixada em um assentamento, as crenças populares podem representar um conflito espacial, pois as lendas e mitos se constituem como avisos para os moradores não ocuparem áreas da floresta. Para a autora:

As pessoas que moram no campo, no rio e na floresta, como é o caso dos assentados, estão rodeadas de um cenário natural que expressa a possibilidade de essas lendas, contos e mitos serem verdade, porque a construção imaginária e poética está mais propícia em acontecer. Assim, muitos respeitam e acreditam (LIMA, 2007, p. 244).

O conjunto dos saberes religiosos ganham espaço no cotidiano local, principalmente, por meio de práticas educativas que ensinam a conviver e respeitar os territórios da floresta. Para Pacheco (2010, p. 105), a religiosidade desses povos vai “na contramão da lógica capitalista e globalizada que fragmentou o homem, a natureza e o campo espiritual”, proporcionando o reencontro do ser humano com a natureza e o cosmo.

Assim, é importante destacar que as práticas educativas nas quais esses saberes são transmitidos também se apoia na experiência de vida e na convivência dos sujeitos, pois “na agricultura familiar, no mundo rural ribeirinho, o repasse do saber ocorre no cotidiano, em diferentes ambientes e por diversas formas” (CUIMAR, 2013, p. 71).

4.3 Saberes ambientais

Os saberes ambientais estão presentes nas pesquisas de maneira direta e indireta. Como as comunidades tradicionais estabelecem uma relação de dependência com o ambiente, seja por meio do território ou do trabalho, elas desenvolvem saberes ambientais que integram sua identidade e sua vida. De acordo com Leff (2012, p. 50):

O saber ambiental se constrói a partir de sua falta de conhecimento, integrando os princípios e valores que animam a ética ecologista, as sabedorias e práticas tradicionais de manejo dos recursos naturais e as ciências e técnicas que servem de suporte as estratégias do desenvolvimento sustentável (LEFF, 2012, p. 50).

Os saberes ambientais descritos nas dissertações representam, principalmente, aqueles adquiridos por meio da interação com a natureza. Dessa forma, também estão presentes questões ambientais que caracterizam a região amazônica, como o desmatamento, a escassez de recursos naturais e a diversidade. Tais questões são discutidas tanto pelos autores quanto pelos sujeitos das pesquisas.

Cavalcante (2011, p. 62) observou em sua pesquisa que a “notória degradação ambiental desta região, fruto da inserção de agentes econômicos capitalistas, é percebida pelos alunos e alunas, que relatam as preocupações dos pais sobre a apropriação e uso dos recursos naturais”. Dessa forma, os sujeitos desenvolveram saberes para lidar com tais problemas, sendo construídos por meio de uma “relação de proximidade com seu meio, de observação das leis naturais” (CAVALCANTE, 2011, p. 62).

Ao compreendermos que “as políticas educacionais para o campo se constroem ou se estruturam a partir das determinações do modo de produção capitalista, e também a partir de uma educação vista sob a ótica urbana, considerada mais desenvolvida” (SANTOS, 2006, p. 69), os saberes construídos pelos povos tradicionais da Amazônia emergem, mais uma vez, como uma forma de resistência à mentalidade capitalista.

A diferença entre mentalidade do campo e da cidade é apontada por Cavalcante (2011) como uma das principais características dos saberes ambientais das comunidades tradicionais. Segundo a autora, na cidade as relações com o meio são mediadas pelo consumo e no campo há uma relação de proximidade com o meio (CAVALCANTE, 2011).

Diniz (2012) destaca os saberes do “cuidar”, que estão presentes em outras dissertações, porém não reconhecidos como tais. Para o pesquisador:

Há o saber cuidar da mata, que se constitui numa outra perspectiva do saber ambiental em Igarapé Grande. Na mata, o cuidado tem a ver com a preservação do meio ambiente, com o plantio de sementes e árvores, com o uso de madeira somente quando necessário, de saber aproveitar os frutos e plantas das árvores para garantir um prolongado sustento das famílias e com a preservação dos animais (DINIZ, 2012, p. 140).

Nesse sentido, os saberes do cuidar também podem ser considerados como saberes ambientais, na medida em que envolvem sentimentos de respeito, vínculo e pertencimento e ajudam a construir a identidade cultural das comunidades tradicionais marcadas pela invisibilidade de seus saberes, práticas e história (SANTOS, 2008). Para Porto-Gonçalves (2018), essa invisibilidade está entre as principais causas de conflitos e de problemas

Saberes culturais de povos tradicionais da Amazônia: contribuições das pesquisas do GRUPEMA (UEPA)

ambientais na Amazônia, sendo assim, valorizar esses saberes representa evidenciar a singularidade do viver amazônico e as identidades dos seus povos.

Em sua dissertação, Diniz (2012) chama atenção também para os processos educativos cotidianos norteados pela relação entre os sujeitos e a natureza. Para o pesquisador:

Constantemente, os sujeitos relacionam, em suas narrativas, saberes, cotidianos e processos educativos à natureza. Perguntados sob quais significados atribuíam a natureza, os entrevistados relacionaram-na: aos elementos naturais, aos rios, à terra e às plantas (DINIZ, 2012, p. 157).

Neste sentido, é possível perceber que os elementos e fenômenos naturais são considerados como elementos importantes para a construção dos saberes ambientais. Ocorre, então, uma forma de educação pela natureza, tendo em vista que diversos pesquisadores relataram em suas dissertações que os sujeitos investigados aprenderam suas atividades a partir da observação da natureza. Para Porto-Gonçalves (2018), o conhecimento sobre a dinâmica da floresta é o que caracteriza os povos da Amazônia.

De modo semelhante, na dissertação “Práticas educativas e saberes ambientais em ações do movimento dos ribeirinhos das ilhas de Abaetetuba e sua relação com a sustentabilidade dos recursos naturais na ilha Quianduba”, a percepção do ambiente foi um dos saberes descritos por Rodrigues (2016, p. 150) ao defender que “a nossa percepção sobre o ambiente é orientada por valores que construímos a partir de nossa vivência humana no ambiente em que estamos inseridos. É do nosso relacionamento com o ambiente que emerge a percepção”.

Para a autora, além da interação do indivíduo com o meio, a percepção ambiental permite a construção de conhecimentos e saberes ligados à prática e à conscientização ambiental, pois uma vez que o sujeito percebe o ambiente, ele percebe as transformações ambientais e a necessidade de conservação (RODRIGUES, 2016). O cuidado com o ambiente surge, então, como uma consequência da ampliação da visão dos povos de comunidades tradicionais, uma vez que ao perceber as mudanças no meio em que vive, o sujeito passa a refletir sobre suas atitudes. Esse saber cuidar emerge, portanto, a partir da:

Compreensão de que a escassez dos recursos naturais no local é reflexo da falta coletiva de cuidado com o ambiente natural. Ao se preocupar como vai ficar o local se as pessoas continuarem a desenvolver atitudes lesivas, o morador passa a compreender que o ambiente do qual faz parte é influenciado por suas ações que devem se dar de forma benéfica, porque caso contrário, trarão repercussões desastrosas para a sua vida e da comunidade como um todo (RODRIGUES, 2016, p. 152).

O pensamento que norteia os saberes do cuidar evidencia o conceito de Sustentabilidade que, conforme Jacobi (2003), assume neste novo século um papel central na reflexão sobre as dimensões do desenvolvimento e das alternativas que se configuram para o futuro. A preocupação com os limites da produção e do crescimento para garantir o futuro das próximas gerações e a preocupação com o coletivo é uma realidade para os sujeitos investigados por Rodrigues (2016) e Diniz (2012), assim como observado em outras dissertações de maneira indireta.

A partir desse olhar, os sujeitos compreendem que a “intervenção no ambiente pode trazer prejuízo tanto para ele (geração presente) quanto para as outras pessoas (geração futura)” (RODRIGUES, 2016, p. 169). Assim, essa noção de sustentabilidade reflete a realidade vivida pelos sujeitos ao mesmo tempo em que promove um “aprendizado que constrói valores, o qual é fundamental para guiar a nossa compreensão e visão de mundo, servindo de referência para as nossas ações cotidianas” (RODRIGUES, 2016, p. 169).

Os saberes ligados aos elementos e fenômenos naturais estão presentes na pesquisa de Lima (2018, p. 176) como uma das principais bases para a pesca do salto. Esses saberes “estão inscritos no reconhecimento do tempo, das fases da lua, do fluxo das marés e da direção e tipos de vento, elementos de completude das ‘viradas’”, ou seja, também estão ligados à observação e percepção do ambiente.

Por se tratar de pescadores ribeirinhos, os sujeitos investigados por Lima (2018) atribuíam um significado ecológico à maré, sendo um meio de sobrevivência, um meio de trabalho e de sustento da família, assim como de transporte e um lugar de lazer. A vida dos ribeirinhos está diretamente ligada aos saberes que possuem sobre as águas, a lua e os ventos.

Nesse sentido, a compreensão do caráter educador da natureza também está presente na dissertação de Lima (2018), uma vez que:

As aprendizagens adquiridas por meio da experiência do trabalho tornaram os pescadores equilibradores com o meio ambiente, pois eles leem com sabedoria os sinais da natureza, os ventos, as correntes marítimas, o fluxo dos peixes, os problemas ambientais que causam danos à pesca e à vida marinha, as dificuldades de seu trabalho, a necessidade de organização (LIMA, 2018, p. 179).

Esses saberes diferenciam a cultura de apropriação da natureza e produção-consumo entre as comunidades tradicionais e as demais comunidades, uma vez que “entre o tempo

Saberes culturais de povos tradicionais da Amazônia: contribuições das pesquisas do GRUPEMA (UEPA)

de trabalho humano e o fruto desse trabalho há o tempo da natureza” (PORTO-GONÇALVES, 2018, p. 56). Segundo Lima (2018), os saberes das marés, dos ventos e da lua representam uma forma necessária para a manutenção da vida aquática, pois determina a quantidade e os períodos que os recursos podem ser retirados de modo a não comprometer os estoques naturais.

Por esse motivo, valorizar os saberes ambientais e conhecer as práticas de trabalho das comunidades ribeirinhas é um objetivo que vai além da caracterização da cultura de tais grupos, para além disso, as práticas socioculturais e educativas desenvolvidas por esses sujeitos constituem um pilar importante para (re)pensar a racionalidade ambiental atual.

5 Considerações finais

Ao analisar as dissertações defendidas pelos integrantes do GRUPEMA vinculados à linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do PPGED/UEPA, foi possível perceber o cumprimento dos objetivos propostos tanto para a linha quanto para o grupo.

Um dos pontos de maior destaque da investigação foi o grande número de pesquisas realizadas na área dos saberes e a diversidade de abordagens e pontos de vista que elas oferecem. Embora a linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia tenha o termo “saberes” no título, algumas pesquisas não se prendem a esse descritor e procuram focar nas diversas práticas educativas dos grupos sociais, sendo assim, é importante ressaltar que a produção do GRUPEMA nessa área é extensa, o que justifica o fato de ser um grupo de referência na região norte.

Outro ponto positivo é a valorização dos referenciais regionais nas pesquisas. O estudo de Moraes (2017), que analisou as características das produções do PPGED/UEPA no período de 2005-2015, constatou a carência de referenciais latino-americanos nas dissertações. Esse fato já foi superado nos últimos anos, de modo que os próprios pesquisadores e professores orientadores do programa são utilizados como referência, fornecendo uma base teórica rica, considerando o contexto amazônico.

Diante da complexidade e relevância da temática abordada neste artigo, destaco a importância de realizar mais pesquisas nesta área. Como sugestão para futuros estudos seria interessante investigar a inserção dos saberes culturais de povos tradicionais na formação de professores, bem como as contribuições do tema para a prática docente, pois, muitas vezes, tais temas também são silenciados nessas áreas.

Por fim, como um dos objetivos principais das pesquisas é a valorização dos saberes culturais e tradicionais, também seria interessante avaliar as contribuições da Educação Ambiental para a discussão do tema, uma vez que ela é um dos mecanismos de reconhecimento para esses conhecimentos e já está presente de maneira indireta nas dissertações analisadas.

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. **Beberagens indígenas e educação não escolar no Brasil colonial**. Belém: FCPTN, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. ed.70. Lisboa: LDA, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

CAVALCANTE, Gilma da Costa. **Fronteiras entre campo e cidade: saberes e práticas educacionais no cotidiano de uma escola nucleada em Rio Maria/PA**. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade do Estado do Pará. Belém, 2011.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CUIMAR, Raimunda Martins. **Saberes e Práticas Culturais de Agricultores Familiares da Amazônia Paraense e suas relações com a monocultura do Dendê**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Pará, Belém – Pará, 2013.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; VIDEIRA, Piedade Lino; BEZERRA, Moisés de Jesus Prazeres dos Santos Bezerra. As práticas culturais/religiosas afroindígenas na Amazônia. **Revista Caminhos**, vol. 17, n. 1, p. 80-95, jan-fev, 2019.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: 34 LTDA, 1995.

DINIZ, Francisco Perpetuo Santos. **Relações entre práticas educativas, saber ambiental-territorial ribeirinho e o desenvolvimento local**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2012.

FONSECA, Maria de Jesus da Conceição Ferreira; SILVA, Saiara Conceição de Jesus da. **Temas Amazônicos no contexto escolar**. Belém: Universidade do Estado do Pará, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Autores Associados, n. 118, p. 189-205, 2003.

Saberes culturais de povos tradicionais da Amazônia: contribuições das pesquisas do GRUPEMA (UEPA)

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Vol. 19, p. 20-28, jan-abr, 2002.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. Petrópolis-Rj: Vozes, 2012.

LIMA, Adriane Raquel Santana de. **Cartografia de saberes nas práticas educativas cotidianas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST na Amazônia Paraense**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2007.

LIMA, Marcileno Nunes. **Cartografia de saberes e processos educativos inscritos na pescaria artesanal do salto**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Pará, Belém-PA, 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1988.

MARTINIC, Sérgio. Saber popular e identidade. In: GADOTTI, Moacyr; TORRES, Carlos Alberto (Orgs.). **Educação popular: utopia latino-americana**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 69-88.

MEIRELES, Magali Rezende G. CENDÓN, Beatriz V. Aplicação prática dos processos de análise de conteúdo e de análise de citações em artigos relacionados às redes neurais artificiais. **Revista Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 77-93, jul./dez. 2010.

MORAIS, Ana Célia do Nascimento. **Educação, Saberes e Cultura: a produção intelectual do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.

MOREIRA, Eliane. Conhecimentos tradicionais e sua proteção. **Revista T&C Amazônia**, v. 5, n. 11, jun. 2007.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. **Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. Belém: EDUEPA, 2008.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes Souza Avelino de. A pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. **Revista Brasileira de Pós-graduação**, Brasília, v. 11, n. 23, p. 247-270, 2014.

PACHECO, Agenor Sarraf. Encantarias afroindígenas na Amazônia marajoara: narrativas, práticas de cura e (in)tolerâncias religiosas. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p. 88-108, abr-jun, 2010.

PEREIRA, Rosenildo da Costa. **Saberes Culturais e Prática Docente no Contexto da Escola Ribeirinha**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará (UEPA), Pará, Belém, 2016.

PORTO-GONÇALVES, Carlos. **Amazônia: encruzilhada civilizatória, tensões territoriais em curso**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

RIBEIRO, Paulo Cesar Carvalho. **Pedagogia da roça**: cartografias de saberes culturais que orientam práticas de trabalho e relações sociais na roça de mandioca. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2018.

RODRIGUES, Marinês De Maria Ribeiro. **Práticas educativas e saberes ambientais em ações do movimento dos ribeirinhos das ilhas de Abaetetuba e sua relação com a sustentabilidade dos recursos naturais na ilha Quianduba**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, 2016.

RYLE, Gilbert. **The concept of mind**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2009.

SANTILLI, Juliana. A biodiversidade e as comunidades tradicionais. In: BESUNSAN, Nurit (org.). **Seria melhor ladrilhar? Biodiversidade como, para que, porquê**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto Socioambiental, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre a ciência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Franciele Soares dos. Educação do campo e educação urbana: aproximações e rupturas. **Revista de Educação Educare et Educare**, vol. 1, n. 1, jan-jun., p. 69-72, 2006.

SILVA, Maria das Graças da. Práticas educativas ambientais, saberes e modos de vida locais. Belém: **Revista Cocar**, v. 01, n. 1 jan/jun 2007.

_____, Maria das Graças da. Meio Ambiente: múltiplos saberes e usos. In: Apoluceno, Ivanilde. (Org) **Cartografias Ribeirinhas**: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. 2 ed. Belém: EDUEPA, 2008.

Sobre as autoras

Fernanda Rocha de Sousa

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM) na Universidade Federal do Pará (UFPA), na linha de Conhecimento científico e espaços de diversidade da educação em ciências.

E-mail: nanda.roch@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5437-218X>

Nádia Magalhães da Silva Freitas

Pós-doutora em Ensino e Aprendizagem das Ciências, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Universidade Federal do Pará, com atuação no Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI), vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática.

E-mail: nadiamsf@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0042-8640>

Recebido em: 15/08/2020

Aceito para publicação em: 08/09/2020